

Instituto Superior de Psicologia Aplicada



O SENTIDO DO PAI NA PRÉ-ADOLESCÊNCIA FEMININA

Daniela André Simão Matias

18061

Tese submetida como requisito parcial para obtenção do grau de

Mestre em Psicologia

Especialidade em Psicologia Clínica

2009

Instituto Superior de Psicologia Aplicada

O SENTIDO DO PAI NA PRÉ-ADOLESCÊNCIA FEMININA

Daniela André Simão Matias

Dissertação orientada por Professora Doutora Ângela Vila Real

Tese submetida como requisito parcial para a obtenção do grau de

Mestre em Psicologia

Especialidade em Psicologia Clínica

2009

Dissertação de Mestrado sob orientação de Professora Doutora Ângela Vila Real, apresentada no Instituto Superior de Psicologia Aplicada para obtenção de grau de Mestre na especialidade de Psicologia Clínica conforme o despacho da DGES, nº 19673/2003 publicado em Diário da República 2ª série de 26 de Setembro, 2006.

Agradecimentos

Ao concluir este trabalho de investigação, não o poderia entregar sem manifestar a minha gratidão pelo apoio às pessoas que, de alguma forma, contribuíram para a realização do mesmo.

Começo por agradecer às duas instituições que possibilitaram a realização das entrevistas para a investigação, Escola EB 2,3 Afonso de Paiva, Castelo Branco e Escola EB 2,3 Cidade de Castelo Branco, e aos professores, pela disponibilidade e simpatia, que disponibilizaram e facultaram o contacto directo com as alunas que participaram neste estudo, e o espaço necessário para a elaboração do mesmo.

Não poderia deixar de agradecer às alunas pela participação nesta investigação e, seus familiares por terem dado autorização, pois sem eles não seria possível a realização deste trabalho.

Agradeço à Professora Doutora Ângela Vila Real, um muito obrigada pelo apoio e incentivo com que sempre me orientou. Um obrigada muito especial pela disponibilidade que sempre demonstrou para a orientação deste trabalho, pelos conhecimentos, responsabilidade e profissionalismo que transmitiu sempre.

Por último agradeço à minha família, pelo grande apoio, principalmente nesta fase final de curso, que sem eles teria sido muito difícil.

Ao Pedro pela preocupação, carinho, força e companheirismo.

Às minhas irmãs Andreia e Inês e também à grande amiga Susaninha, pela preocupação, apoio, amizade e carinho desde que vos tenho na minha vida.

À minha Mãe pelo exemplo de força, coragem, bondade e determinação e pelo carinho incondicional, sempre presente.

E, por último ao meu Pai, pelo apoio, carinho e incentivo. Um obrigada muito especial porque fez nascer em mim, desde muito cedo, a paixão pela psicologia, ao permitir o contacto com populações de diversas patologias e pela sensibilização que sempre demonstrou perante essas pessoas e suas fragilidades.

Resumo

A presente investigação qualitativa e exploratória tem a finalidade de caracterizar as percepções de meninas pré-adolescentes relativas ao pai e à relação com o pai, assim como a sua mudança. Estuda assim, o discurso descritivo de um grupo de catorze meninas de doze anos e um grupo de catorze meninas de treze anos, buscando uma comparação entre estes dois grupos.

A partir destas percepções avalia como cada menina vivência, sente, conceptualiza e experimenta a relação com o pai.

Foram realizadas vinte e oito entrevistas semi-directivas (individuais) que posteriormente foram tratadas por análise de conteúdo.

Os resultados encontrados vão no sentido de confirmar a mudança relacional que se dá no período da pré-adolescência. Assim, verifica-se que nesta fase há o ressurgimento da problemática edipiana e um progressivo reconhecimento, dos doze para os treze anos, da mudança na relação com o pai. Constata-se ainda que aos treze anos as meninas apresentam uma maior individuação, pois apesar da relação nos dois grupos ser considerada, na sua maioria como positiva e afectiva, encontrou-se, nos doze anos, uma maior dificuldade em definir o pai e a sua relação com este. Aos treze anos, os limites são sentidos como mais restritivos associados a um maior desejo de autonomia, existindo assim, mais conflitos com o pai, bem como um maior desejo de mudança relacional comparativamente com os doze anos.

Palavras – chave: *Pré-adolescência, processo pubertário, individuação, feminilidade, relação filha-pai.*

Abstract

The present qualitative and exploratory investigation has the purpose of characterize pre-ten's girls perceptions related to their father and the relation with him, as well as it's changing. It studies the descriptive speech of a group of fourteen twelve's year's old girls and a group of fourteen thirteen's year's old girls, searching for a comparison between these two groups.

From these perceptions it evaluates how each girl lives, feels, conceptualizes and experiments her daughter-father relation.

Twenty eight semi-directives (individuals) interviews were made that later were used for containment analysis.

The results found confirm the relational changing that happens in the early adolescence period. Being so we can verify that on this phasis it happens a reappearance of the oedipus complex and a progressive recognition, from age twelve to age thirteen of the relation towards the father changing. It is also clear that at age thirteen girls show a bigger individuation, although the relation on the two groups being considered in its majority as positive and affective, was also noticed on twelve's girls, a major difficulty on defining the daughter-father relation. At age thirteen, the limits are felt as more restricted and associated to a bigger autonomy urge, existing then more conflicts with the father as well as a bigger urge of relational changing comparing to the twelve years old girls.

Key words: *early adolescence, puberty process, individuation, femininity, daughter –father relationship.*

A adolescência é uma época da vida humana marcada por profundas transformações fisiológicas, pulsionais, afectivas, cognitivas e sociais vivenciadas num determinado contexto cultural.

Segundo Dias Cordeiro (1994 cit. por Pais, A. 2000) “este período é marcado pela penosa dialéctica da perda e do ganho, do passado versus futuro, da progressão - regressão; depender - autonomizar-se; heterossexualidade adulta; expectativa dos pais - projectos dos filhos; linguagem infantil - comunicação verbal; velha cultura - nova cultura.”

Efectivamente, são muitos os autores que referem a pré-adolescência como um processo em que a relação do(a) pré-adolescente com a família sofre alterações profundas, durante o qual o indivíduo enfrenta angústias inerentes à estruturação da sua personalidade, redefine valores e conceitos (Blos, 1998; Malpique, 2003; Fleming 2004; Parke, 1982; Dias Cordeiro, 1979). Assim, há tarefas que os jovens devem realizar para responderem socialmente às exigências do seu próprio desenvolvimento, tais como a alteração da relação com os pais, alteração da relação com os companheiros e a consolidação de uma identidade sexual.

Sendo o foco do nosso tema, a percepção que a filha pré-adolescente tem do pai e da sua relação com o mesmo, faz-nos todo o sentido referirmo-nos à pré-adolescência feminina. Com efeito, neste período a menina sofre grandes e súbitas modificações corporais, que criam uma enorme insegurança e expectativa ansiosa, na medida em que as transformações do corpo provocam um grande impacto sobre o psiquismo. O desenlace desse processo permite a construção de uma identidade sexuada (Malpique, 2003).

Irá haver, segundo Blos (1998), um trabalho de reorganização psíquica, tendo em vista as modificações sofridas no corpo e a tensão que decorre dessas transformações. “Nesse novo estatuto do corpo, a invasão das excitações, a vacilação a respeito da sua identidade, a exacerbação do conflito edípico, (...), concomitantemente com a renúncia aos objectos edípicos, deverá ser elaborado no psiquismo do adolescente.” Flechner (cit. por Alizade, 2002)

Ao encarar-se num papel sexual feminino, com um corpo manifestamente sexuado, para si e para os outros, a pré-adolescente vive a sua imagem corporal. A sua energia libidinal desvia-se para si própria – libido narcísica, numa tentativa, não só de perceber o que se passa consigo própria, mas também de uma compreensão mais profunda de si enquanto pessoa.

Segundo Blos (1979) o movimento narcísico em que o amor ao pai é parcialmente substituído pelo amor a si própria ou à sua própria perfeição, permite ao Eu conservar, em confronto com a realidade, uma quantidade de aprovisionamento narcísico indispensável para manter a sua auto-estima. Esta maior concentração, interiorização e idealização de si própria é decorrente do afastamento dos pais, do abandonar a pouco e pouco a posição de dependência face aos pais e caminhar para uma progressiva autonomia.

Desta forma, é necessário, segundo Blos (1998), haver um segundo processo de individuação (tendo sido o primeiro na infância) em que ocorre um desligamento dos objectos internalizados de forma a possibilitar a descoberta de objectos externos e extra-familiares com o fim de uma aquisição de um sentimento de self autónomo, com limites bem definidos. Segundo este autor, este processo permite à adolescente uma independência em relação aos objectos internalizados e realiza-se, por vezes, através de uma regressão, que possibilita à jovem entrar em contacto com as suas dependências, ansiedades e necessidades infantis.

O luto das imagos parentais será, segundo Dias Cordeiro (1979), o primeiro organizador neste processo de individuação.

Deste modo, Blos (1998), considera esta fase como um período de tensões, visto que o sujeito é interpelado pela cultura a ocupar um lugar de reconhecimento fora do contexto familiar. Assim, este autor considera ainda que o(a) adolescente, precisa de fazer um luto pelos pais idealizados da infância em que corre uma oscilação entre o “eu e o “outro” na medida em que o(a) adolescente venha a posicionar-se como uma individualidade, ao mesmo tempo que tem a necessidade de ser reconhecido como um igual, numa colectividade.

Da mesma forma, Braconnier e Marcelli (2000) enfatizam a necessidade de o adolescente se afastar dos pais, mesmo se tratando de uma distância simbólica. Constatam ainda, que na maioria dos casos, esta mudança caracteriza-se e ilustra-se pelo movimento psicológico da decepção que o adolescente sente relativamente aos pais e pela necessidade de procurar fora do círculo familiar novas fontes de satisfação.

Assim, através da necessidade de se separar, o adolescente está à procura dos seus “limites”, são estes a nível corporal, intelectual e social.

Cordeiro (1979) considera ainda que o luto face às imagos parentais idealizadas é decisivo para o prosseguimento do curso normal de evolução porque a partir da liquidação conseguida

dos ímago parentais passa a existir a possibilidade do estabelecimento de novas relações amorosas extra-familiares.

Diminuindo a dependência afectiva face às ímago parentais, característica do período infantil, o adolescente vai também alterar a relação com os seus companheiros e o grupo vai revestir-se de grande importância no seu desenvolvimento emotivo permitindo assim um jogo de identificações, a partilha de segredos e experiências essenciais para o desenvolvimento da personalidade (Claes, 1985).

Desta forma, a relação entre pais e filhos(as), que até aí era próxima, fica então abalada, sofrendo profundas alterações.

Contudo, esta necessidade de afastamento dos laços infantis, está relacionada ainda com o ressurgimento da problemática edípica, pois a pré-adolescente, segundo Malpique (2003), vai ressexualizar os objectos parentais, despertar fantasias incestuosas e ainda erotizar a relação com o pai com o fim de atingir um nível psicosssexual e de identidade satisfatório (Williamson, 2004), o que obriga a um distanciamento.

Assim, segundo Marcelli e Braconnier (2000) a pré-adolescente “confrontada com um corpo que se transforma, com um novo mundo pulsional e, com a necessidade de deixar o mundo da infância, é levada a renovar as suas identificações.”

Cordeiro (1988), atribui igualmente uma grande importância às identificações nesta fase inicial da adolescência, uma vez que as identificações edípicas se revelam incapazes de desempenhar o seu papel no contexto da genitalidade, o(a) jovem tem de procurar novos objectos exteriores com o fim de, segundo Blos (cit. por Cordeiro, D., 1988), controlar as regressões, dominar a vergonha e a culpabilidade e abandonar os modos primitivos de satisfação narcísicos, o que irá permitir que a adaptação social ultrapasse os limites da família.

Não obstante, apesar desta necessidade de afastamento das figuras parentais, “ao distanciar-se da mãe, a menina tem necessidade de se sentir amada e valorizada pelo pai, não apenas como objecto libidinal mas no reconhecimento de que o pai a aprecia na sua diferença sexual, realça os seus dotes femininos.” (Malpique (2003) op. cit. pág. 49)

Assim, segundo Williamson (2004), Malpique (2003), entre outros, o pai é visto como referência para a organização da feminilidade e sexualidade da filha, intervindo, segundo Alizade (2002), na estruturação da sexualidade corporal e das suas zonas erógenas, depois na organização do nível erótico e de suas representações e, posteriormente, na representação

simbólica do ideal do amor. Parke (1982) considera ainda, que o pai influencia o processo de tipificação sexual de muitas maneiras, através da sua personalidade, servindo como modelo e na sua interação com a filha.

Por considerarmos esta fase como sendo fulcral no desenvolvimento humano, pois estão inerentes a este período numerosas mudanças biológicas, cognitivas e sociais construídas no âmbito de uma cultura que marcam a transição para a fase adulta, pensamos ser importante aprofundar mais este tema, uma vez que todos estes acontecimentos podem afectar os pré-adolescentes, na definição de si próprios, assim como na interação com os outros (Paikoff, Roberta L. & Brooks, Jeanne, 1991).

Contudo, outro factor que marca a importância deste estudo é que, apesar de ao longo dos tempos, na literatura, ter-se notado uma crescente relevância deste tema, é de realçar ainda a escassez de estudos que abranjam somente as idades da pré-adolescência. Podemos afirmar ainda, segundo os autores anteriormente revistos, a importância deste período desenvolvimental nas relações, concretamente entre pais e filhos. Face a isto, deparámo-nos também com uma maior quantidade de estudos acerca da relação pai/filho em detrimento da relação pai/filha. Desta forma, estamos de acordo com Adelson (1985, cit. por Fleming, 2004) quando refere que as mulheres têm estado profundamente sub-representadas e, por vezes, não representadas, nos estudos com adolescentes.

No que respeita ainda às relações familiares, o papel da mãe também se encontra sobrevalorizado em estudos, tanto em qualidade como em quantidade, relativamente ao papel do pai.

Deste modo, achámos pertinente estudar as percepções que as meninas pré-adolescentes, de doze e treze anos têm da relação com o pai, seja a relação simbólica, real, ou mesmo distante (Smollar, J. & Youniss, J., 1985), não somente para uma melhor compreensão da pré-adolescência mas também por acreditarmos ter uma implicação na vida relacional futura destas jovens.

Sendo assim, o problema do nosso estudo vai incidir na forma como as pré-adolescentes encaram a relação com o pai, bem como a mudança relacional que este período precipita, sendo que a verdadeira importância advém da forma como percebem o pai e a sua relação com este.

MÉTODO

Participantes

A amostra é constituída por dois grupos do sexo feminino, sendo um grupo com catorze meninas de doze anos e o outro grupo com catorze meninas de treze anos. Para uniformizar a nossa amostra foram controladas variáveis, tais como, todas as pré-adolescentes tinham de fazer anos entre Dezembro e Março para que na data da colheita dos dados não tivessem uma diferença que ultrapassasse os seis meses, assim como ter a menarca e viver com ambos os pais.

Procedimento

Para podermos proceder à recolha da nossa amostra, foram contactadas duas escolas, Escola EB 2,3 Afonso de Paiva de Castelo Branco e a Escola EB 2,3 Cidade de Castelo Branco, nas quais foi utilizado o mesmo procedimento. Este consistiu, primeiramente, numa breve explicação sobre o tema de investigação ao concelho directivo. Em seguida, foi-nos facultada pelo concelho, uma lista de todas as meninas com doze e treze anos com as suas datas de nascimento e, após uma selecção detalhada, que pretendia abranger meninas que fizessem anos entre Dezembro e Março, entregou-se as cartas de consentimento informado aos pais onde constaram, a identificação da investigadora, o objectivo do estudo e todas as informações necessárias para uma participação esclarecida, incluindo a garantia de confidencialidade.

Após o consentimento foi feito um pré teste a cinco meninas e posteriormente a entrevista às 28 meninas da amostra do estudo. As entrevistas individuais tiveram a duração

de cerca de 20 minutos em que começava com uma breve explicação do que se pretendia seguindo-se a entrevista semi-estruturada (gravada depois de ter sido dada autorização). Por sua vez, estas entrevistas foram realizadas num gabinete com a finalidade de proporcionar um ambiente mais agradável e silencioso possível que favorecesse a descontração do entrevistado.

Análise dos dados

Recorremos à análise de conteúdo como instrumento deste trabalho. No entanto a nossa análise foi baseada em leituras de vários autores como Bardin (2004), Vala (2003), (Krippendorff, 1980, cit. in Pais, 2000), não seguindo um método específico já determinado anteriormente.

De acordo com Bardin (2004, p.41) “o objectivo (...) da análise de conteúdo é a manipulação de mensagens (conteúdo e expressão desse conteúdo), para evidenciar os indicadores que permitam inferir sobre uma ou outra realidade que não a da mensagem”.

Dado o carácter sistemático e objectivo inerente à análise de conteúdo considerámos importante mencionar o conjunto de regras associadas ao procedimento desta, pois, no sentido de sustentar a credibilidade das inferências realizadas e também a qualidade da própria análise, os procedimentos devem obedecer a regras relativas à sua fidelidade e validade. No que respeita à fidelidade, esta assegura que não existe contaminação do estudo por dados externos àqueles que estão em análise (Krippendorff, 1980, cit. in Pais, 2000), para tal, deve considerar-se a fidelidade inter-codificador conseguida quando diferentes codificadores codificam o material exactamente da mesma maneira. Neste estudo recorreu-se a um juiz externo que, além de orientar toda a prática também verificou as codificações efectuadas, fidelizando a investigação.

Efectivamente, apesar de existirem uma grande quantidade de regras inerentes à análise de conteúdo, deve-se ter em conta que a análise é um processo em que está implícita alguma subjectividade por parte do entrevistador, “pois é inevitavelmente interpretativo e requer julgamento e escolha”. (Agar, 1986 cit. por Balancho, 2003).

Posteriormente ao registo dos relatos das meninas entrevistadas, procedeu-se à codificação destes, ou seja, à “transformação dos dados em bruto do texto, transformação esta que, por recorte, agregação e enumeração, permite atingir uma representação do conteúdo, ou da sua expressão susceptível de esclarecer o analista acerca das características do texto.” (Bardin, 2004). À medida que se ia fazendo uma leitura exaustiva do tema era dado um nome que representasse o fenómeno, o que permitiu criar as categorias. Dado que se trata de um estudo eminentemente qualitativo, a análise dos materiais empíricos recolhidos através da entrevista foi feita com base em grelhas de categorias. Deste modo, o rigor da análise implicou uma quantificação dos resultados obtidos, pelo que estes se encontram em frequências e percentagens. Por conseguinte, as percentagens determinadas são referentes ao número de ocorrências dadas em cada grupo e não ao número de sujeitos. Optámos por este critério, uma vez que a nossa amostra se encontra num período de transição, e, por vezes se referem a diferentes dinâmicas (várias subcategorias dentro da mesma categoria), sendo ambivalentes.

À codificação seguiu-se a categorização, isto é, “uma operação de elementos constitutivos de um conjunto, por diferenciação e, seguidamente, por reagrupamento segundo o género, com critérios previamente definidos” (Bardin, 2004).

A comparação constante dos vários fenómenos referentes a cada categoria permitiu detectar e perceber as suas propriedades com o fim de chegar a categorias mais complexas. À medida que iam surgindo estas categorias, simultaneamente eram efectuadas ideias e conceptualizações acerca das relações existentes entre as categorias, o que permitiu passar de um nível mais concreto para um nível mais geral, permitindo, deste modo enriquecer o processo analítico e expandir o corpo de dados.

Após termos chegado às principais categorias (anexo C), foram-se dividindo em subcategorias que emergiram da análise dos dados, para que fossem mais facilmente controladas as inferências e pré conceitos que pudessem existir da nossa parte.

Posto isto, procurou-se, portanto, realizar inferências sobre os resultados de forma a tecer conclusões em conformidade com o objectivo da análise. As inferências constituem-se, assim, pelos “saberes deduzidos dos conteúdos” (Bardin, 2004, p.33) e, é através das inferências que se retiram conhecimentos passíveis de interpretação.

Em suma, utilizou-se um método (análise de conteúdo) que se consagra como sendo um dos mais importantes métodos de investigação no tratamento e interpretação de informações e uma grelha de análise adequada às características do estudo e ao cumprimento do objectivo da investigação.

RESULTADOS

A análise de discurso das entrevistas revelou dados muito interessantes acerca da percepção da filha sobre o relacionamento com o pai e de como este período desenvolvimental pode alterar a relação.

Assim, no que concerne ao grupo dos **doze anos**, as meninas atribuem ao pai, na sua maioria, uma função afectiva positiva ao pai e, ainda, muito mais características ao pai enquanto pai do que ao pai enquanto pessoa, notando-se uma maior dificuldade em diferenciar aspectos do pai como individualidade.

Não obstante, foram ainda encontradas algumas ambivalências neste grupo ao definirem as funções do pai, bem como a relação, o que parece denunciar uma preocupação da perda do estatuto infantil e uma ainda insuficiente individuação.

Relacionando-se com o que acabámos de referir, a maioria das meninas de doze anos caracteriza a relação com o pai como positiva, no entanto, algumas meninas deste grupo sentem-na como neutra, devido a uma menor capacidade de discriminar e diferenciar aspectos da relação, o que consequentemente poderá reflectir-se numa dificuldade em definir a relação com o pai. Da mesma forma, observámos ainda, que ao contarem um acontecimento importante que tivessem vivido com o pai, as meninas deste grupo, têm uma menor capacidade em discriminar momentos que consideram importantes, o que se encontra inerente a uma menor capacidade de pensar aspectos mais complexos e formais da relação com o pai, enquanto que os treze anos apresentaram uma maior capacidade, não só de discriminar esses momentos como também de evocar situações e memórias de outro período (infância).

Este grupo, refere vivências com o pai de cariz ainda infantil, o que reflecte uma vez mais a angústia pela perda do estatuto infantil.

Todas as meninas de doze anos dizem falar com pai, sendo o tema principal a escola, e a Intimidade o assunto que referem não falar com o pai. No entanto, há mais meninas de doze anos que referem não existir um assunto que não falem com o pai dando-nos conta de uma maior dificuldade em discriminar assuntos, bem como uma relação mais próxima da infância. Contudo, o aspecto da intimidade (e o surgimento de algum problema) relacionado ao convívio diário parece ser algo mais partilhado com a mãe do que com o pai devido a uma maior identificação com a mãe por ser mulher, notando-se assim um maior distanciamento relativamente ao pai.

No grupo de doze anos verificaram-se algumas meninas que disseram não fazer nada com o pai, ou ainda algumas meninas que o que referem fazer é “ver televisão” ou “almoçar juntos” o que para além de mostrar uma menor capacidade de discriminação de actividades, reflecte ainda uma relação pobre e distante.

Neste grupo nota-se a percepção do surgimento de conflitos na relação com o pai, no entanto, estes conflitos estão relacionados com o seu desejo de autonomia mas num ambiente protegido, mais próximo da infância em que podemos ver como exemplo as saídas, em que estas, nos doze anos são ainda controladas pelos pais a nível de horas, local, amigos e objectivos das saídas. Por conseguinte, a forma como dizem resolver os conflitos na relação difere em ambos os grupos, sendo que aos doze anos parece haver uma maior confrontação relativamente ao pai, enquanto que aos treze anos há um evitamento de confrontos.

Pensamos que esta maior confrontação nos doze anos possa estar relacionada com uma maior de dependência “mascarada”, pois como referem Braconnier e Marcelli (2000), a oposição e rebeldia escondem a dependência. Já no que se refere ao evitamento de confrontos evidenciado no grupo dos treze anos poderá estar relacionada com o facto das meninas, segundo Youniss, J. & Smollar, J. (1985), sentirem que os pais nem sempre aceitam o seu ponto de vista e, nem sempre dão valor às suas opiniões, pois quando surge um conflito, sentem que o pai recorre à autoridade para fazer valer a sua opinião. Também Malpique (2003), refere que face ao afastamento do pai devido à expressão mais declarada da sexualidade da filha, a menina fica decepcionada, podendo submeter-se, culpabilizar-se e bloquear iniciativas.

Perante a incapacidade de atribuir características específicas ao pai este é visto como sendo e/ou fazendo o desejado, sendo que o ser o desejado remete para um período mais infantil, uma vez que na infância há uma idealização da figura paterna (o pai visto como um herói, percebido como perfeito), notando-se neste grupo ainda uma necessidade de idealizar a figura paterna, o que remete para o narcisismo infantil.

Apesar de algumas meninas de doze anos perceberem uma mudança na relação com o pai, quase metade das meninas pertencentes a este grupo não perceberam esta mudança relacional. Contudo, a percepção de mudança nesta idade foi essencialmente ao nível da brincadeira, como facto concreto, o que nos remete, uma vez mais, para uma fase mais infantil em que está presente uma atitude mais egocêntrica, bem como, um pensamento mais concreto. Outro facto que vem reforçar a interpretação da necessidade, no grupo de doze anos, de recuar ao estatuto infantil foi a manifestação do desejo de um pai que fizesse o desejado (que brincasse mais) em que novamente a brincadeira toma uma enorme relevância persistindo um desejo de retorno à infância.

No que respeita ao grupo dos **treze anos** obtivemos igualmente respostas muito interessantes e esclarecedoras às questões de investigação postas inicialmente.

Desta forma extraímos dos nossos resultados que as funções que melhor definem o pai neste grupo são a função de autoridade e a função afectiva (positiva e negativa). Verifica-se ainda que as meninas de treze anos atribuem ao pai mais características enquanto pessoa, para além das características enquanto pai, o que reflecte nesta idade uma maior individuação e por conseguinte uma maior capacidade de se descentrar face ao Outro.

A relação é percebida, pela maioria do grupo como positiva, notando-se nesta idade uma maior capacidade de descrever e discriminar aspectos da relação. Não obstante, em ambos os grupos a relação foi definida como sendo negativa por uma minoria, no entanto, ao nível qualitativo não se encontraram ambivalências no grupo dos treze anos, não havendo necessidade desta idade em recuar ao estatuto infantil.

Neste grupo, as vivências com o pai são percebidas como menos infantis, sendo valorizada a conversa em detrimento da brincadeira, como acontece no grupo dos doze anos. Referem ainda que os principais temas de que falam com o pai são a escola e a intimidade. No entanto, observámos que este último tema é abordado pelo pai e não pelas filhas, o que

denuncia, indirectamente, um reconhecimento que o pai faz da feminilidade da filha (deixa de ser criança para ser uma mulher), e ainda uma atitude de reserva por parte das jovens, uma vez que na construção e valorização da auto-imagem, a menina está muito centrada nas transformações físicas, mais ou menos aceites e reconhecidas como sinais visíveis de feminilidade.

Todas as meninas de treze anos dizem fazer algo com o pai o que mostra uma maior capacidade de discriminação de actividades, uma percepção de uma relação mais complexa e ainda, dado que isto constitui uma diferença em relação às meninas de doze anos, podemos por a hipótese de que as pré-adolescentes (de treze anos) ao se encontrarem libertas de uma relação mais incestuosa com a figura paterna, encontraram uma forma mais afectiva de se relacionarem com o pai, uma vez que já não sentem a ameaça de pulsões sexuais incestuosas, no entanto, esta é mediada por uma actividade (o fazer algo com o pai).

Observamos ainda, nestas pré-adolescentes, que existe uma percepção mais restritiva dos limites impostos pelo pai dado o maior desejo de autonomização. Resultando daqui uma maior percepção de conflitos na relação com o pai. Estes, por sua vez, relacionam-se com uma maior exigência de liberdade que as compele para fora do ambiente protegido da família e das suas extensões. Contudo, em paralelo à maior percepção de exigências da parte do pai, verifica-se também um maior grau de exigência das filhas (meninas de treze anos) por se encontrarem mais individualizadas, o que faz com que se tornem mais exigentes, não só em relação a elas próprias como também ao Outro.

As meninas de treze anos têm uma maior percepção de características negativas relativamente ao pai e à relação, o que espelha novamente a maior capacidade de discriminação reflectindo assim uma maior individualização e uma menor necessidade de um pai idealizado (contrariamente ao que acontece no grupo dos doze anos).

Grande parte do grupo dos treze anos tem a percepção de que houve uma mudança relacional, e consideram que esta mudança foi sobretudo ao nível da conversa (antes falavam de tudo e agora já não), deste modo a brincadeira perde a relevância que tinha aos doze anos, mostrando-nos uma maior distância da infância e ainda uma maior capacidade de conceber uma relação a dois (o nós). Verifica-se deste modo uma maior contenção, em que existem agora (aos treze anos) assuntos, pensamentos e ideias que estão resguardados da figura

paterna, mostrando uma maior distinção entre o Eu e o Outro, em que está inerente um reconhecimento de si enquanto entidade própria.

Este grupo tem ainda uma maior facilidade e capacidade de diferenciar os dois períodos de desenvolvimento (a infância e a adolescência) e, ainda fazer uma determinada atribuição causal relativamente à mudança relacional, sendo que atribuem a si mesmas a causa dessa mudança, devido à maior capacidade de auto-observação.

Por último, no que respeita ao desejo de mudança relacional, grande parte das meninas de treze anos manifestam esse desejo por se sentirem mais autónomas. No entanto, o desejo difere dos doze anos, uma vez que querem um pai mais disponível, que as acompanhe e compreenda.

DISCUSSÃO

Efectivamente, ao longo deste estudo, deparámo-nos com características bastante diferentes nos dois grupos de meninas, apesar de idades tão próximas, o que nos possibilitou uma maior compreensão da percepção das pré-adolescentes relativamente à dinâmica filha-pai.

Ao longo da literatura, são vários os autores (Marcelli e Braconnier, 2000; Malpique, 2003; Williamson, 2004; entre outros) que referem o ressurgimento da problemática edipiana, na fase da pré-adolescência.

Constatámos tal como Smollar, J. & Youniss, J. (1985) que a relação das pré-adolescentes (de ambas as idades) com o pai é na sua maioria uma relação distante e por vezes pobre, no entanto, verificámos que tanto o pai como a relação com este é sentida como muito importante e necessária, para as meninas, a vários níveis. Foi referido pela maioria das pré-adolescentes de ambos os grupos, o desejo de que o pai volte a estar próximo, no entanto, expressaram-no de forma diferente, sendo que os doze anos desejam um pai próximo que brinque com elas enquanto o desejo das meninas de treze está essencialmente na conversa,

compreensão e num maior acompanhamento da sua vida diária. Deste modo, parece que as meninas de ambas as idades têm necessidade de se sentir seguras e acolhidas em seu ambiente familiar, especificamente na sua relação com o pai. No entanto, essa necessidade difere nos doze e treze anos, pois as primeiras referem uma necessidade de suporte concreto enquanto as de treze anos deixam de ter esta percepção infantil e anaclítica, tornando-se mais importante a afectividade. Assim, a preocupação com a perda do estatuto infantil evidente nos doze anos ao manifestarem um desejo mais infantil, que o pai brincasse mais com elas, demonstra uma maior saudade da infância, bem como, uma maior dificuldade em se desprenderem dos laços infantis, que outrora proporcionavam todo o conforto, estabilidade e segurança. Parece haver, deste modo, nos doze anos uma maior necessidade em recuar ao estatuto infantil. No entanto, esta regressão para além de natural é, segundo Blos (1979) necessária pois permite que os resíduos dos traumas infantis, conflitos e fixações sejam modificados fazendo incidir neles os recursos acrescidos do ego, que neste período, são apoiados pelo movimento desenvolvimental de crescimento e maturação.

Esta regressão, por sua vez, dá-nos conta do ressurgimento de pulsões ameaçadoras, nos doze anos. Assim, perante esta ameaça incestuosa ligada à excitação pulsional, surge a necessidade, segundo Marcelli & Braconnier (2000) de fazer um trabalho de luto das representações internas dos seus pais com o fim de adquirir uma menor dependência a um nível interpessoal e, a construção de representações mentais mais realistas dos pais, a um nível intrapsíquico. Contudo, enquanto no grupo dos doze anos, se encontra mais evidente esta ressexualização das figuras parentais e processo de luto, nos treze anos parece haver uma dessexualização do pai, ao valorizar a conversa (mundo dos adultos) em detrimento da brincadeira (infância), em que atribuem um papel mais simbólico ao pai, em que este é visto como propulsor do seu mundo interno, reflectindo uma maior diferenciação intrapsíquica comparativamente com os doze anos.

Outro facto que corrobora esta dessexualização das figuras parentais, nos treze anos, é o facto de darem um maior número de respostas de cariz afectivo positivo ao definir a relação com o pai, o que para além de mostrar uma maior capacidade em definir a relação, parece, ainda, que nesta idade a demonstração de afectividade já não perturba tanto como nos doze anos. Como referem Malpique (2003); Williamson (2004), face ao ressurgimento da problemática edipiana a menina vai erotizar a relação com o pai e conseqüentemente surge a

imposição de pulsões sexuais o que gera culpabilidade e a menina afasta-se. Logo ao estarem libertas de uma relação mais incestuosa com a figura paterna, encontram uma forma mais afectiva de se relacionarem com o pai, uma vez que já não sentem a ameaça de pulsões sexuais incestuosas.

Contudo, importa ainda referir que observámos, por várias vezes, ambivalência no grupo dos doze anos, em que uma vez mais se destaca uma tendência dos doze para os treze anos em progredir para uma relação mais complexa e madura. Segundo Dias (1996), a ambivalência manifesta-se na instabilidade emocional nas relações, em aparentes reacções ilógicas ou contradições entre pensamento e sentimento. Estas flutuações de humor e comportamento, que são naturais do crescimento, reflectem oscilações entre os movimentos de independência e de dependência. Pensamos que o facto de encontrarmos mais ambivalência, nos doze anos, denuncia a preocupação da perda do corpo e estatuto infantil, pois como referem Aberastury e Knobel (1981) cit. por Cunha (2004), se por um lado essa perda é desejada, por outro gera uma grande angústia e insegurança pois as transformações ocorridas no corpo da adolescente nesta fase são vivenciadas como uma invasão, o que faz com que a adolescente não queira perder o estatuto de criança e, inconscientemente, como defesa recuse essa nova realidade que vem chegando, procurando outros mecanismos que mantenham a sua segurança, refugiando-se, por vezes, no “corpo infantil”. Simultaneamente, esta ambivalência parece estar ainda relacionada com as transformações corporais que surgem bruscamente neste período. Assim, as meninas, ao depararem-se com um corpo sexual, com sinais visíveis de feminilidade, mais próximo do corpo dos adultos (pai), sentem a necessidade de recuar ao estatuto infantil, uma vez que ainda não adquiriram defesas que lhes permitam lidar com o ressurgimento de pulsões sexuais.

Com efeito, estes aspectos que têm vindo a ser expostos estão também relacionados com uma progressiva individuação encontrada dos doze para os treze anos.

Assim, esta maior individuação, aos treze anos reflecte-se essencialmente na maior capacidade de atribuição de características positivas e negativas ao pai enquanto pessoa (não só com aspectos relacionais mas também com aspectos anti-relacionais). Segundo Blos (1998) a individuação permitirá à pré-adolescente a aquisição de um sentimento de self autónomo, com limites bem definidos, o que fará com que reconheça o outro (pai) como distinto de si, como pessoa e não só como pai, o que a tornará mais autónoma. Por conseguinte, o

aparecimento do pai visto como anti-relacional e centrado em si, poderá estar relacionado também com o facto de a pré-adolescente, segundo Malpique (1998); Martins, M.(1996) e Gesell (1962), entre outros, perante as transformações corporais, se direccionar para o Eu interior, centrando-se mais nela própria (maior interiorização) para uma compreensão mais profunda de si e, conseqüentemente uma maior percepção do Outro.

Outro aspecto que nos dá conta de uma maior individuação aos treze anos é a percepção de um maior número de conflitos na relação com pai, em que se verifica um maior grau de exigência nas meninas desta idade, o que nos parece resultar de uma maior complexificação do relacionamento, que aumenta dos doze para os treze anos, pois à medida que se vai desenvolvendo a personalidade os conflitos aumentam, e em paralelo a discordância, pois, tal como afirma Siegel (1982 cit. por Dias, M., 1996), o conflito é uma condição necessária para o crescimento, ou seja, dentro de certos limites o conflito é expectável e não deve ser negado. Observamos que este novo modo de pensar vai permitir e, de certa forma, obrigar a pré adolescente a pensar mais profundamente sobre si mesma, na sua vida íntima, nos seus próprios sentimentos e impulsos e, ainda, ser crítica em relação aos pais (e outros adultos).

Também a maior capacidade em discriminar acontecimentos e assuntos de conversa (os que falam e os que não falam com o pai) são um reflexo desta maior individuação, uma vez que existe um reconhecimento de si enquanto pessoa distinta do Outro. Esta capacidade de discriminação está novamente relacionada com uma maior interiorização e centração em si, tal como refere Dias (1996) “a reorganização psíquica atingida pelo processo de individualização é experimentada subjectivamente pelo sentimento do eu”. Outro facto que nos demonstra esta maior individuação no grupo de treze anos, encontra-se também na maior capacidade de perceber a mudança relacional, conseguindo mais facilmente evocar e diferenciar aspectos da infância, assim como, uma maior capacidade em atribuir uma causa para essa mesma mudança. A individuação permite à menina a aquisição de um sentido da sua diferença e da existência de fronteiras firmes em relação aos outros. Desta forma, o facto de haver uma menor capacidade para discriminar e diferenciar aspectos da relação com o pai dá-nos conta de uma relação mais infantil aos doze anos e uma maior complexificação da relação aos treze anos. Estes resultados poderão reflectir o que Piaget (1955) refere quanto ao estágio de inteligência operatória formal, em que o jovem adolescente consegue libertar-se do concreto, pensar o possível e raciocinar abstractamente sem ter necessidade de se apoiar em

manipulações como acontecia no estágio precedente. Assim, observamos nos doze anos uma maior imaturidade, na medida em que, segundo Blos (1979), a individuação adolescente é o reflexo das mudanças estruturais que acompanham a separação emocional das imagens parentais e corresponde a uma maturação do ego. Face a esta “imaturação” do ego mais visível nos doze anos, parece-nos haver ainda uma angústia de separação, pela dificuldade de definir uma posição quanto à relação com o pai.

Com efeito, concomitantemente com a percepção de características atribuídas ao pai e à sua relação com este, indirectamente observámos que está presente o reconhecimento crescente que o pai faz da feminilidade da filha. Este manifesta-se na crescente tentativa do pai em questionar sobre o assunto intimidade, enquanto as filhas (de treze anos) se encontram mais reservadas nas suas respostas ao pai relativamente a este assunto. Pensamos que, uma vez que as transformações corporais inerentes a esta fase estão a um nível mais avançado aos treze anos, com todas as implicações que terão no psiquismo, poderão causar um afastamento simbólico do pai devido a uma maior contração e interiorização da pré-adolescente.

Também o facto de a menina, aos treze anos, começar a perceber o pai, cada vez mais com características, tais como, mais autoritário, exigente e controlador, para além de nos dar conta de uma percepção mais restritiva dos limites que o pai impõe, pensamos estar presente novamente o reconhecimento que o pai faz da feminilidade da filha. Face a esta mudança sentida pela pré-adolescente, segundo Malpique (2003), a jovem pode ficar decepcionada, o que fará com que comece a perceber o pai cada vez mais como uma figura autoritária em detrimento da afectiva (o que acontece no grupo dos doze anos). Com efeito, associado a esta maior percepção de limites restritivos está também um maior desejo de autonomia, pois como refere Fleming (2004), parece haver desde muito cedo (cerca dos 12 anos) um sentimento precoce de autonomia que vai aumentando progressivamente com a idade. Isto deve-se provavelmente à tentativa do(a) pré-adolescente, de organizar precocemente um sentimento de individualidade, de diferença, desejando como pessoa separada. E que, por sua vez, este sentimento de autonomia (expresso na forma de desejo) lhe permite sentir-se a salvo das necessidades regressivas da infância.

No entanto, apesar deste gradual afastamento simbólico, o pai tem um papel fundamental enquanto modelo para a filha, contribuindo para a sua feminilidade e sexualidade (Malpique, 2003; Williamson, M., 2004; Parke, 1982; entre outros). Este aspecto destaca-se

quando os dois grupos contam uma história e um acontecimento que tivessem vivido com o pai, que considerassem importante. Aqui foi dado um maior ênfase ao pai desempenhando um papel de segurança e protecção. Pensamos que este tipo de acontecimento tenha tido uma maior relevância pelo facto de estas (segurança e protecção) serem características atribuídas ao pai enquanto objecto de amor primário e modelo na representação simbólica do ideal do amor, o que posteriormente influenciará na escolha do futuro companheiro amoroso, pois como Downs e Langois (1980), cit. por Parke (1982) referem, na adolescência e na idade adulta as relações da filha com o sexo masculino são influenciadas pelas primeiras relações com o pai. Do mesmo modo, Coimbra de Matos (2002) diz-nos que toda a história do passado relacional vivido, de fantasia e de ilusão são de importância fundamental para a imagem corporal subjectiva que o indivíduo organiza e que vai ser um dos principais valores para promover o acesso à genitalidade e escolha do par sexual.

Desta forma, estamos de acordo com Alizade (2000) quando refere que “a psicosexualidade se desenvolve na intersubjectividade, e as funções, disposições-modelos e deficits ou claudicações paternas afectam, desenvolvem ou alteram o desenvolvimento da feminilidade na filha.”

Foi ainda possível extrairmos, das histórias e acontecimentos contados, a tendência que se verifica, dos 12 para os 13 anos, de uma relação mais infantil, o pai amigo, herói (idealização), para uma visão mais dramática e complexa da relação (desidealização), o que nos dá conta, nos treze anos de uma maior capacidade de crítica, discriminação e complexificação da percepção da relação e do pensamento, notando-se desta forma uma maior consciencialização da sua condição de pré-adolescentes e não mais crianças, mostrando um maior distanciamento quanto à infância e ao estatuto infantil, relativamente às meninas de doze anos.

Um aspecto que parece refutar esta crescente desidealização é a tendência, dos doze para os treze anos, em recorrer aos amigos quando surge um problema ou a partilha de assuntos mais íntimos, em detrimento dos pais, em que se verifica um maior investimento no Outro, exterior à família. Tal como referem autores como Marcelli e Braconnier (2000); Martins (1996); Blos (1998) surge a necessidade de novas figuras de identificação, que sejam exteriores à família, para a construção da identidade e facilitação do processo de individuação. Este facto verifica-se ainda quando as pré-adolescentes de treze anos referem que um dos

assuntos que não falam com o pai é sobre os amigos, denunciando assim uma crescente cumplicidade com os pares e ainda um crescente reconhecimento da sua sexualidade em relação ao pai, pois o que outrora era partilhado e íntimo na relação, está gradualmente a deixar de o ser aos 13 anos. Encontra-se reflectida, uma vez mais, a crescente interiorização e a passagem de um pensamento concreto para um pensamento formal, dos doze para os treze anos, o que leva a menina a reconhecer-se como entidade própria, com ideias, pensamentos e assuntos do seu íntimo e, por isso mesmo não os querendo partilhar (principalmente com os pais).

Deste modo, estamos de acordo com Coleman (1985) quando refere que é no corpo que toda a transformação começa, uma vez que a imagem corporal construída desde a infância está posta em causa, tendo a pré-adolescente de reconstruir uma nova representação de si própria. Contudo, essa reconstrução da nova imagem do corpo será essencial ao nível da identidade.

Assim, segundo Cordeiro (1988) a puberdade constitui um verdadeiro organizador da vida psíquica, nomeadamente da psicosexualidade em que todo o passado é revivido e actualizado estando patentes as modificações instintuais sexuais que levam o adolescente a integrar a imagem sexualizada dos pais e do seu próprio corpo. Na construção e valorização da auto-imagem, a menina está muito centrada nas transformações físicas, mais ou menos aceites e reconhecidas como sinais visíveis de feminilidade. A sua auto-imagem vai ser o suporte do auto-conceito e acompanha o processo mais complexo da identidade, tendo uma importância essencial na socialização da púbere (Malpique, 1998). Não obstante, o modo de gerir o reforço pulsional inerente a estas bruscas transformações do corpo e a integração da nova representação do corpo sexuado, constituirá a matriz sobre a qual se vai organizar a futura sexualidade. (Malpique, 2003)

Pensamos então que esta mudança relacional que acontece na fase da pré-adolescência se deve essencialmente ao facto de este ser um período de transição extremamente rápido, o que consequentemente acarreta alguma dificuldade para os pais em acompanharem esta mesma mudança, o que por vezes se reflecte quer num sentimento de distanciamento do pai em relação à filha, quer num sentimento de intrusão dos pais. Assim, simultaneamente à necessidade do adolescente se afastar dos laços familiares da infância, parece existir ainda a dificuldade dos pais em renunciar ao período da infância dos seus filhos. Tal como referem

Schocky, A. & Savazzi, S. (2005), muitos pais (homens) de meninas expressam sentimentos de incerteza quanto ao seu papel de pai, por não serem capazes de compreender os problemas femininos, o que lhes causa um enorme desconforto. Este sentimento de incerteza advém ainda do medo de um envolvimento limitado com as suas filhas devido à dificuldade na comunicação por falta de temas e interesses comuns, uma vez que o estilo de comunicação da menina pré-adolescente difere do do pai. Também Steinberg (1987), cit. por Gomes, A.; Resende, V. (2004) enfatiza no seu estudo um menor envolvimento do pai com a filha, comparativamente ao filho. Este facto parece dever-se, por um lado às vicissitudes próprias da pré-adolescência e por outro à crença de que a mãe é a figura parental mais apropriada para cuidar das filhas. Contudo, estes factos parecem ser uma racionalização que pretende camuflar o que Braconnier & Marcelli (2000) referem relativamente a alguns pais que se apercebem da atracção que os(as) filhos(as) podem exercer sobre eles, podendo estes desejos incestuosos chegar à consciência do progenitor. Desta forma, alguns pais podem afastar qualquer possibilidade de proximidade com o(a) filho(a), ou ainda projectar nele(a) desejos e pulsões, levando-os a sexualizar todos os comportamentos de seus(suas) filhos(as).

No entanto, o relacionamento entre filha e pai envolve tanto questões sociais como outras subjectivas bastante complexas. Seria impossível simplificá-las, muito menos pensá-las de maneira puramente estatística ou objectiva.

Assim, ao longo deste trabalho deparámo-nos com várias teorias sobre a adolescência, em que esta pode ser vista de muitas formas, como crise, período turbulento, etc. No entanto, perante esta variedade de concepções pensamos ser comum a ideia de que se as filhas assimilarem novas identificações e novas escolhas de objecto, se os pais forem capazes de garantir a individualidade dos seus filhos, reconhecendo os seus sentimentos e pensamentos e aceitando-os naquilo que são e, se ambos mantiverem sentimentos permanentes de confiança, num cenário de trocas afectivas intensas, o período da adolescência e especificamente pré-adolescência, será vivido por todos numa forma muito mais agradável.

REFERÊNCIAS

Alizade, A. (2002). *Cenários Femininos*. Associação Psicanalítica Internacional – Cowap, Imago.

Balancho, L. (2001). *O novo papel do pai na educação dos filhos* (Tese de Mestrado). Lisboa: Instituto Superior de Psicologia Aplicada.

Bardin, L. (2004). *Análise de conteúdo*. Lisboa: Edições 70.

Blos, (1979). *The adolescent passage: Developmental issues*. New York: International Universities Press.

Blos, P. (1998). *Adolescência. Uma Interpretação Psicanalítica*. Lisboa: 2ª Ed. Martins Fontes.

Braconnier A. & Marcelli, D. (2000). *As mil faces da adolescência*. Lisboa. Climepsi, 1ª edição.

Claes (1985). *Os problemas da adolescência*. Lisboa: Verbo Ed.

Coimbra de Matos, A. (2002). *Adolescência o triunfo do pensamento*. 1ª Ed. Lisboa.

Coleman, (1985). *Psicologia da Adolescência*. Madrid: Morata.

Dias, M. (1996). *Tarefas desenvolvimentais e bem-estar psicológico dos jovens* (Tese de Doutoramento). Porto

Dias Cordeiro (1979). *O adolescente e a família*. Lisboa: Moraes Editores.

Dias Cordeiro (1988). *Os adolescentes por dentro*. Coleção Alter Ego

Fleming, M. (2004). *Adolescência e autonomia. O desenvolvimento psicológico e a relação com os pais*. 3ª Edição. Porto. Edições Afrontamento.

Gesell, A. (1966). *El adolescente de 10 a 16 años*. 2ª Ed. Harpen & Brothers, New York.

Gomes, Resende (2004). O Pai Presente: O Desvelar da Paternidade em Uma Família Contemporânea. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, Vol. 20, n.2, pp. 119-125.

Malpique, (1998). Aspectos psicológicos e psicopatológicos da puberdade feminina. *Psicologia, Educação e Cultura*, II, 1, pp.27-35.

Malpique, (2003). *O fantástico mundo de Alice: Estudos sobre a puberdade feminina*. Lisboa: Climepsi.

Martins, Maria José (1996) Aspectos sobre o desenvolvimento psicológico na pré-adolescência e adolescência. *Aprender*, 20, 5-12.

Pais, A. (2000). *A raiva em pré-adolescentes e adolescentes – A importância dos maus sentimentos* (Tese de Mestrado). Lisboa: Instituto de Psicologia Aplicada.

Paikoff, Roberta L., Brooks Gunn, Jeanne (1991). Do Parent- Child Relationships Change During Puberty? *Psychological Bulletin, PsyARTICLES*, 110, 1.

Parke (1982). *Ser Pai*. Lisboa: Publicações Dom Quixote.

Piaget, J. (1955). Developement de la perception de l'enfant a l'adult. *Bulletin de Psychologie*, Vol.8, n.4, pp.183-188.

Vala, J. (2003). A análise de conteúdo. In Silva, A.S. & Pinto, J.M. (Orgs.), *Metodologia das ciências sociais* (pp.101-126). Porto: Edições Afrontamento.

Williamson, (2004). The importance of fathers in relation to their daughters' psychosexual development. *Psychodynamic Practice*, 10, 2, 207-209.

Youniss, James & Smollar, Jacqueline (1985). *Adolescent Relations with Mothers, Fathers and Friends*. The University of Chicago, London.

Instituto Superior de Psicologia Aplicada



CADERNO DE ANEXOS

O SENTIDO DO PAI NA PRÉ-ADOLESCÊNCIA FEMININA

Daniela André Simão Matias

Dissertação orientada por Professora Doutora Ângela Vila Real

2009

Índice de Anexos

ANEXO A	
Guião de Entrevista.....	1
ANEXO B	
Justificação do Guião	3
ANEXO C	
Definição das Categorias.....	5
ANEXO D	
Tabelas.....	10

Anexo A

Anexo B

Anexo C

Anexo D

Guião de Entrevista

1-1.1- *“Como é a tua relação com o teu pai?”*

1.2- *“Como é o teu pai?”*

2- 2.1- *“Fazem alguma coisa juntos, o quê?”*

2.2- *“Gostas?”*

2.3- *“Conversas só com o teu pai?”*

2.4- *“Que assuntos?”*

2.5- *“Quem toma a iniciativa das conversas?”*

2.6- *“Há alguma coisa que tu não fales com o teu pai?”*

2.7- *“Se tiveres algum problema vais falar com o teu pai?”*

2.8- *“Achas que mudou alguma coisa na relação com o teu pai?”*

(se sim:)

- *“O que mudou?”*

- *“Como era dantes?”*

- *“Tens alguma ideia porque mudou?”*

3- 3.1- *“O que é que gostas no teu pai?”*

3.2- *“O que é que não gostas tanto no teu pai?”*

4- *“Há alguma coisa que tenhas vivido com o teu pai que consideres muito importante?”*

5- 5.1- *“Há alguma coisa em que tu não concordes com o teu pai?”*

5.2- *“O quê?”*

5.3- *“Como é que resolves a situação?”*

6- 6.1- *“Há-de haver algumas coisas que o teu pai exige de ti. Que coisas são essas?”*

6.2- *“Como te sentes em relação a isso?”*

7-7.1- *“Há alguma coisa que mudasses na relação?”*

7.2- “O quê?”

8- “Agora vou pedir-te para contares uma história com o teu pai.” (real ou inventada)

Justificação do Guião

1-1.1- Esta pergunta tem a finalidade de verificar como as pré-adolescentes de doze e treze anos percebem e definem a relação com o pai.

1.2- Esta questão remete para a diferenciação (ou não) da menina em relação ao pai. Pretende-se verificar se há um eu mais diferenciado num grupo que noutro através da capacidade de atribuir características específicas ao pai e, ainda se estas mesmas características aparecem enquanto pai ou enquanto pessoa. Pretende ainda verificar qual a principal função que as meninas atribuem ao pai.

2- 2.1- e 2.2- Estas duas questões têm como objectivo perceber se, na relação filha/pai há proximidade e se esta é agradável ou não à filha.

2.3 e 2.4- Com esta questão tentamos ver se há intimidade e assuntos que a menina reserva em relação ao pai.

2.5- Esta pergunta é feita com o fim de entender quem procura a intimidade, e, permite ainda perceber se há desejo de afastamento.

2.6- Tentamos perceber aqui que assuntos são proibidos para a menina e o que mantém resguardado em relação ao pai.

2.7- Esta questão remete para a confiança que depositam, ou não no pai.

2.8- Esta questão permite perceber a capacidade de percepção da menina relativamente à mudança da relação.

(se sim:)

- *“O que mudou?”* - verificar se consegue diferenciar aspectos da infância e da pré-adolescência.

- *“Como era dantes?”* - Capacidade de lembrar-se do passado (infância) e comparar com o presente.

- *“Tens alguma ideia de porque mudou?”* - Para ver se as meninas fazem uma atribuição causal na mudança relacional e qual é essa atribuição.

Deste modo, estas três questões permitem-nos ver o que motivou a mudança na relação com o pai.

3- 3.1- Esta pergunta remete para os aspectos mais valorizados ou idealizados no pai.

3.2- Nesta questão tentamos perceber a capacidade de discriminação e distanciação da menina relativamente ao pai.

4- Esta pergunta remete para o real, para um acontecimento que tenha sido importante para a menina, ou seja, esta questão permite dar-nos a visão que a menina tem da relação através da capacidade de discriminação de momentos importantes.

5- 5.1; 5.2 e 5.3- Este conjunto de três questões remete para a autonomia interna relativamente à figura paterna, e, para os conflitos que possam existir. Permite-nos ainda verificar se existe uma maior ou menor diferenciação psicológica na menina.

6- 6.1 e 6.2- Com estas duas questões tentamos perceber como as meninas percebem os limites que o pai impõe e se os sentem como muito ou pouco restritivos de acordo com o desejo de maior ou menor autonomia.

7-7.1 e 7.2- Estas duas questões remetem para um plano imaginário, de desejo e ainda para a capacidade de crítica face à relação real.

8- Esta questão permite-nos obter um retrato da relação a partir dos aspectos que as meninas destacam. Esta pergunta remete para um plano imaginário, de projecção, de desejo da relação e principalmente para a visão que têm do pai.

Definição das Categorias

Depois de ter sido aplicada a entrevista, dado que se trata de um estudo eminentemente qualitativo, a análise dos materiais empíricos recolhidos através da entrevista foi feita com base em grelhas de categorias

Com efeito, identificámos cinco grandes categorias, das quais farão parte várias subcategorias. Seguidamente, será explicada esta categorização.

À 1ª Categoria – O Pai, pertence a pergunta (1.2) “*Como é o teu pai?*”, que por sua vez levou à divisão de duas grandes subcategorias, sendo a primeira *O Pai como Pai* e a segunda *o Pai como Pessoa*. Foi feita esta divisão pois, uma vez que as respostas dadas a esta questão se focavam na percepção que as meninas têm das funções do pai, através de características atribuídas ao pai enquanto pai e, nas características que algumas meninas atribuem ao pai enquanto pessoa, tentámos ver a partir desta divisão se há um eu mais diferenciado num grupo que noutro e, ainda qual a principal função que as meninas atribuem ao pai.

Assim, a primeira subcategoria foi dividida, ainda, em subcategorias (pequenas) tais como função afectiva positiva de amparar/ajudar/dar apoio, função positiva de ser amigo/conversar/estar presente, função positiva de mostrar amor/ compreensão; função afectiva negativa de ser amigo/conversar/estar presente, função negativa de mostrar amor/compreensão, função educativa/formativa; função lúdica; função de autoridade (pai exigente, pai conservador e pai liberal) e, por fim, função provedora de necessidades. No que respeita à grande subcategoria *O Pai como Pessoa*, tem como subcategorias (pequenas) o pai trabalhador, relacional, anti-relacional e centrado em si.

Na 2ª Categoria – Relação com o Pai, pretendeu-se saber o que meninas de doze e treze anos falam com o pai (a partir a percepção destas). No entanto, a fim de uma compreensão mais aprofundada acerca deste tema pensamos ser fundamental tentar saber

também que assuntos não conversam com o pai, quem toma a iniciativa e, por último, com quem as meninas falam quando têm um problema.

1ª Subcategoria – Tipo de relação

1.1- “Como é a tua relação com o teu pai?”

Uma vez que algumas das meninas da amostra percebem e definem a relação com o pai como sendo positiva, outras sendo negativa e ainda, outras meninas, como não havendo relação, esta grande subcategoria foi dividida em tipo de relação positiva (afectiva, educativa/formativa e lúdica); tipo de relação negativa (afectiva e de dominação) e por último tipo de relação neutra (ausência de relação), com o objectivo de ver qual o tipo de relação, segundo a percepção das meninas, que prevalece em cada grupo.

2ª Subcategoria – Relação Pai Conversa

2.3- “Conversas só com o teu pai?”

2.4- “Que assuntos?”

2.5- “Quem toma as iniciativas das conversas?”

2.6- “Há alguma coisa que não fales com o teu pai?”

2.7- “Se tiveres algum problema vais falar com o teu pai?”

Uma vez que com estas questões tentámos perceber se há intimidade (2.3 e 2.4), quem procura intimidade e se há desejo de afastamento (2.5), se existem assuntos proibidos da menina relativamente ao pai (2.6) e se têm confiança no pai aquando o surgimento de um problema, as respostas a estas perguntas deram origem às seguintes subcategorias, O que falam (escola, amigos, bem estar, dúvidas, intimidade, problemas, assuntos do quotidiano); Ausência de conversa; O que não falam (intimidade, notas, nada); Iniciativa da conversa (pai, filha, os dois) e, Com quem falam aquando um problema (1º com o pai, 1º com a mãe, 1º com irmãos amigos, os dois).

3ª Subcategoria – Relação Pai Fazer

2.1- “Fazem alguma coisa juntos, o quê?”

Com o objectivo de perceber se, na relação filha/pai há proximidade e se esta é agradável ou não à filha, através do que as meninas dizem fazer com o pai, e, as que dizem

não fazer nada com o pai, foi feita a seguinte divisão, O que fazem (passear, brincar/jogar, estudar, ver filmes/tv, estar) e Não fazem.

4ª Subcategoria – Relação Pai Exige

6.1- *“Há-de haver coisas que o teu pai exige de ti. Que coisas são essas?”*

6.2- *“Como te sentes em relação a isso?”*

De acordo com as respostas encontradas nestas duas questões, foi feita a divisão em duas pequenas subcategorias, sendo a primeira, O que o pai exige (assuntos escola, passatempos, bom comportamento/valores morais, maior segurança, cuidado, tarefas domésticas). No que respeita à segunda, O que a filha sente face às exigências do pai (sente-se bem/concorda, sente-se mais ou menos/não concorda com algumas coisas e sente-se mal/discorda totalmente). Esta divisão permite-nos perceber como as meninas de doze e de treze anos percebem os limites que o pai impõe e se os sentem como muito ou pouco restritivos de acordo com o desejo de maior ou menor autonomia.

5ª Subcategoria – Relação Pai Discordância

5.1- *“Há alguma coisa que tu não concordes com o teu pai?”*

5.2- *“O quê?”*

5.3- *“Como é que resolves a situação?”*

No que diz respeito à 5ª subcategoria da Categoria relação com o pai, foram feitas três divisões, são estas, Há discordância (saídas/amigos, escola, discussões familiares, notícias/política, conflito de gerações, tarefas domésticas, dinheiro, assuntos não especificados); não há discordância, pois pretendemos ver se existem ou não conflitos e quais são. Por último, está o Tipo de resolução do conflito (evitamento de confrontos, confrontação), para observar a autonomia interna da menina relativamente à figura paterna.

À 3ª Categoria – Imagem do pai pertencem as seguintes questões;

3.1- *“O que é que gostas no teu pai?”*

3.2- *“O que é que não gostas tanto no teu pai?”*

Esta categoria subdividiu-se em Imagem positiva do pai (fazer o desejado, ser o desejado, estar disponível); Imagem negativa do pai (fazer o não desejado, não ser o desejado, não estar disponível) e, por fim, ausência de imagem negativa.

Esta divisão foi feita pois, através das características positivas e negativas que as meninas atribuem ao pai, podemos ver quais os aspectos mais valorizados ou idealizados no pai e, ainda tentar perceber a capacidade de discriminação e distanciação da menina relativamente à figura paterna.

A 4ª Categoria – Mudança Relacional foi dividida em dois grupos (duas tabelas). A primeira refere-se às seguintes subcategorias Mudança da relação (houve, não houve), O que mudou/Como era antes (proximidade, afastamento), Quem mudou (pai, filha), Porque mudou (por causa do pai, por causa da filha, por ambos, por circunstâncias exteriores). Por conseguinte no segundo grupo, encontram-se as seguintes subcategorias Desejo de mudança de relação (deseja a mudança, não deseja a mudança) e, O que desejam (pai diferente, pai que faça o desejado, pai disponível).

O objectivo desta categorização é perceber a capacidade de percepção de ambos os grupos relativamente à mudança da relação, a capacidade de evocar o passado (infância) e comparar com o presente. Perceber ainda se fazem uma atribuição causal na mudança relacional e qual é essa atribuição, e por último, ver, nos dois grupos a capacidade de crítica face à relação real.

Para a realização desta Categoria (4ª) constaram as seguintes questões da entrevista;

2.8 - *“Achas que mudou alguma coisa na relação com o teu pai?”*

-“O que mudou?”

-“Como era dantes?”

-“Tens alguma ideia porque mudou?”

7.1- *“Há alguma coisa que mudasses na relação?” (que gostavas que fosse diferente?)*

7.2- *“O quê?”*

Respectivamente, a 5ª Categoria – Histórias, foi subdividida em duas subcategorias, sendo a primeira, Acontecimento Importante, que por sua vez foi subdividido em tipo de acontecimento (episódios positivos e dramáticos, memórias agradáveis e desagradáveis, e, por fim, clima relacional) e tempo de acontecimento (passado, actual, indeterminado). Esta divisão a partir das respostas dadas à pergunta 4-*“Há alguma coisa que tenhas vivido com o*

teu pai que consideres muito importante?” foi feita para perceber se houve ou não (segundo a sua percepção) um acontecimento que tenha sido importante e qual foi, e ver ainda a capacidade de ambas as idades de discriminar momentos importantes.

Com efeito, a segunda subcategoria refere-se à história livre, em que foi pedido para contar uma história com o pai (8- *“Agora vou pedir-te para contares uma história com o teu pai.”*). Aqui foi feita uma divisão, Tipo de história positiva (presença do pai, pai amigo); História dramática (pai intrusiva, pai herói, angústia de perda), memórias (agradáveis, desagradáveis, ambíguas); clima relacional e, por fim, Tempo da história (passada, actual, indeterminada), que nos permite obter um retrato da relação a partir dos aspectos que as meninas destacam, e essencialmente para a visão que têm do pai. Deste modo, com base nesta divisão podemos ver quais os tipos e tempo das histórias que sobressaem em ambas as idades.

1ª Categoria – O pai

Tabela 1.1 - Cotação das respostas relativas à subcategoria do Pai visto como Pai nos 12 anos.

Sub-categorias		Unidades de Registo	F	%	
Função Afetiva	<i>Positiva</i>	Amparar/dar apoio/ajudar	“Ajuda-me.” (suj.1); (suj.7)	2	14.29%
		Ser amigo/conversar/estar presente	“É meu amigo..” (suj.2); (suj.6); (suj.7), (suj.12)	4	28.57%
		Mostrar Amor/ Compreensão	“É carinhoso..” (suj.1; 11; 3); “É bom para mim.” (Suj.9) “Faz sempre um esforço para me compreender.” (suj.7)	5	35.71%
	<i>Negativa</i>	Ser amigo/conversar/estar presente	“Quando se chateia com a minha mãe, já não é tão amigo assim.” (suj.6)	1	7.14%
		Mostrar Amor/ Compreensão	“Não me ralha muito.” (suj.12; 3) “É daqueles pais normais.” (suj.2)	3	21.43%
Função Educativa/ Formativa	Ensinar	“Ajuda-me nos trabalhos de casa.” (suj.3)	1	7.14%	
Função Lúdica	Brincar/ Divertir	“Gosta muito de brincar.” (suj.14)	1	7.14%	
Função de Autoridade	Pai Exigente	“...exigente nos estudos.” (suj.10)	1	7.14%	
	Pai Conservador		0	0%	
	Pai Liberal	“...liberal.” (suj.11)	1	7.14%	
Função Provedora	Dá coisas	“Dá-me as coisas que lhe peço.” (suj.9)	1	7.14%	

De Necessidades				
------------------------	--	--	--	--

Exceções:

“É muito especial para mim.” (suj.5) Esta exceção refere-se a ela (menina), ao que o pai significa para ela e não ao pai, não lhe atribuindo assim nenhuma característica, seja ela física ou psicológica ao pai.”

“Está sempre comigo.” (suj.8)

Tabela 1.2 - Cotação das respostas relativas à subcategoria do Pai visto como Pessoa nos 12 anos.

Sub-categorias	Unidades de registos	F	%
Trabalhador	“ <i>Trabalhador.</i> ” (suj.13)	1	7.14%
Relacional	“ <i>Boa pessoa, é simpático.</i> ” (suj.1); (suj.3); (suj.4); (suj.8); (suj.11); (suj.13); (suj.14);	7	50%
Anti-Relacional		0	0%
Centrado em Si		0	0%

Tabela 2.1 - Cotação das respostas relativas à subcategoria do Pai visto como Pai nos 13 anos.

Sub-categorias		Unidades de Registo	F	%	
Função Afetiva	<i>Positiva</i>	Amparar/dar apoio/ajudar	<i>“Ajuda-me.” (suj.2)</i>	1	7.14%
		Ser amigo/conversar /estar presente	<i>“É meu amigo..” (suj.2)</i>	1	7.14%
		Mostrar Amor/ Compreensão	<i>“É bom pai, que se pode confiar.” (suj.7)</i> <i>“Dá muita importância à família, é compreensivo.” (Suj.13)</i>	2	14.29%
	<i>Negativa</i>	Mostrar Amor/ Compreensão	<i>“Às vezes compreende.” (suj.6)</i> <i>“Às vezes não me compreende muito bem.” (Suj.8)</i> <i>“ Às vezes chateia-se um pouco com coisas desnecessárias.” (suj.13)</i> <i>“...que se irrita um pouco.” (suj.12)</i>	4	28.57%
		Ser amigo		0	0%
Função Educativa	Ensinar		0	0%	
Função Lúdica	Brincar		0	0%	
Função de Autoridade	Pai Exigente	<i>“É muito exigente, não me deixa fazer quase nada.” (suj. 1); (suj.8)</i>	2	14.29%	
	Pai conservador	<i>“Um bocado chato.” (suj.3)</i> <i>“Um bocado conservador.” (suj.4; 1)</i>	3	21.43%	
	Pai Liberal		0	0%	
Função Provedora	Dá coisas		0	0%	

Exceção;- “Dá-me um bocadinho mais de liberdade que a minha mãe.” (suj.2)

Tabela 2.2-Cotação das respostas relativas à subcategoria do Pai visto como Pessoa nos 13 anos.

Sub-categorias	Unidades de registos	F	%
Trabalhador	<i>“É trabalhador.” (suj.3)</i>	1	7.14%
Relacional	<i>“É simpático, gosta de ajudar os outros.” (Suj.5); (suj.13); (suj.3); (suj.7); (suj.8); (suj.11); (suj.14)</i> <i>“É simpático, diverte toda a gente...” (suj.9)</i> <i>“Dá-se bem com as pessoas...” (suj.12)</i> <i>“É fixe.” (suj.10)</i>	10	71.43%
Anti-Relacional	<i>“Um bocado independente, quase não quer ajuda.” (suj.11)</i>	1	7.14%
Centrado em Si	<i>“Um bocado teimoso, não quer ajudar.” (suj.6)</i>	1	7.14%

2ª Categoria – Relação com o Pai

Tabela 3 - Cotação das respostas relativas à 1ª subcategoria Tipo de Relação nos 12 anos.

Sub-categorias		Unidades de Registo	F	%
Tipo de Relação	<u>Positiva</u>	Afectiva <i>“Estar comigo em casa.” (suj.1)</i> <i>“Damo-nos bem.” (suj.2; 12; 14)</i> <i>“..falar de todos os assuntos, ajuda-me em tudo..” (suj.5)</i> <i>“ É boa é aberta falamos... um amigo..”(suj.7)</i> <i>“Está muitas vezes comigo.” (suj.8)</i>	7	50%
		Educativa/ Formativa <i>“Ajuda-me nos estudos.” (suj.1)</i> <i>“Ajuda-me nos trabalhos.” (suj.3)</i>	2	14.29%
		Lúdica <i>“ Vamos passear.” (suj.3)</i> <i>“Ás vezes saímos.” (suj.11)</i> <i>“Brinca comigo.” (suj.14)</i>	3	21.43%
	<u>Negativa</u>	Afectiva <i>“...apesar de nos chatearmos um bocadinho.” (suj.2)</i> <i>“ Está pouco tempo.” (suj.6)</i>	2	14.29%
		Dominação	0	0%
	<u>Neutra</u>	(ausência de relação) <i>“... ” (não respondeu) (suj.4)</i> <i>“Ele fala comigo, eu falo com ele, não é muito chata é normal.” (suj.9)</i> <i>“Falamos.. falamos.” (suj.10)</i> <i>“Sempre que vem do trabalho cumprimenta-me...” (suj.13)</i>	4	28.57%

Excepção -“Gosto de estar com ele.” (suj.6)

Tabela 4 - Cotação das respostas relativas à 1ª subcategoria Tipo de Relação nos 13 anos.

Sub-categorias		Unidades de Registo	F	%
Tipo de relação	<u>Positiva</u>	Afectiva	9	64.29%
		Educativa/ Formativa	2	14.29%
		Lúdica	3	21.43%
	<u>Negativa</u>	Afectiva	1	7.14%
		Dominação	1	7.14%
	<u>Neutra</u>	(ausência de relação)	2	14.29%

Tabela 5 - Cotação das respostas relativas à 2ª subcategoria Relação Pai Conversa nos 12 anos.

Sub-categorias		Unidades de registos	F	%
O que falam	Escola	“É sobre a escola.” (suj.1; 2; 3; 4; 5; 6; 7; 8; 9; 10; 12; 13; 14)	13	92.86 %
	Amigos	“Às vezes sobre as amizades.” (suj.7)	1	7.14%
	Bem-Estar	“Se estou bem.” (suj.6; 13)	2	14.29 %
	Dúvidas	“quando está a dar alguma coisa na Tv ele explica-me.” (suj.7; 11)	2	14.29 %
	Intimidade		0	0%
	Assuntos Quotidiano		0	0%
Ausência conversa			0	0%
O que não falam	Intimidade	“Essas coisas de quem gosto e isso.” (suj.1; 2; 4; 5; 6; 8; 11)	7	50%
	Amigos	“Aqueles conversas sobre amigos.” (suj.3)	1	7.14%
	Notas	“Quando tenho uma negativa nunca lhe digo.” (suj. 9; 10; 13)	3	21.43 %
	Nada	“ Não, falamos de tudo.” (suj. 14; 7; 12)	3	21.43 %
Iniciativa	Pai	“Às vezes eu mas mais vezes ele.” (suj.3) “É o meu pai.” (suj.4; 8; 9; 10; 13; 14)	7	50%
	Filha	“Sou eu.” (suj.2; 12) “Às vezes sou mais eu.” (suj.5; 7)	4	28.57 %
	Os dois	“Somos os dois.” (suj.6; 1; 11)	3	21.43 %
Com quem	1º com o Pai	“Primeiro o meu pai...” (suj.1)	1	7.14%
	1º com a Mãe	“Primeiro falo com a minha mãe...” (suj.2; 3; 4; 5; 6; 7; 8; 9; 10; 11; 12; 13; 14)	13	92.89 %
	Irmãos/Amigos		0	0%

Falam(*)	Os dois	0	0%
-----------------	----------------	----------	-----------

Tabela 6 - Cotação das respostas relativas à 2ª subcategoria Relação Pai Conversa nos 13 anos.

Sub-categorias		Unidades de registos	F	%
O que falam	Escola	“Sobre os estudos.” (suj.1; 3; 4; 5; 7; 8; 9; 10; 11; 13; 14)	11	84.62%
	Amigos	“...contar-lhe sobre os meus amigos.” (suj.7)	1	7.69%
	Bem-Estar		0	0%
	Dúvidas		0	0%
	Intimidade	“Namorados.” (suj.1; 9; 11) “Sobre problemas. (suj.12; 4; 5; 11)	7	53.85%
	Assuntos Quotidiano	“O que ele faz no trabalho.” (suj.1; 2; 8; 13)	4	30.77%
Ausência conversa	(t.14)	“ Não.” (suj.6)	1	7.14%
O que não falam	Intimidade	“Sobre rapazes.” (suj.1; 2; 4; 5; 7; 9; 12; 13; 14)	9	69.23%
	Amigos	“Mais assim dos amigos.” (suj.10; 3; 8)	3	23.08%
	Notas	“ As más notas...” (suj.3; 12)	2	15.38%
	Nada	“ De nada.”	1	7.69%
Iniciativa	Pai	“ Ele pergunta...” (suj.1; 7; 8; 11; 12, 14)	6	46.15%
	Filha	“Sou mais eu...” (suj.2; 3; 13)	3	23.08%
	Os dois	“ Às vezes sou eu outras vezes é ele.” (suj.4; 5; 9; 10)	4	30.77%
Com quem Falam(*)	1º com o Pai	“Falo 1º com o pai.” (suj.14)	1	7.14%
	1º com a Mãe	“Primeiro com a mãe.” (suj.1, 3, 4; 7; 9; 12; 13)	7	50%
	1º Irmãos/Amigos	“É mais com a minha irmã.” (suj.6) “...com os meus amigos.” (suj.8)	2	14.29%
	Os dois	“Falo com os dois.” (suj.11; 2; 5)	3	21.43%

(*) Com quem as meninas falam em primeiro lugar quando têm um problema.

Exceção;

Na sub categoria “Com quem falam” a menina 10 disse que não falaria com o pai em primeiro lugar, mas não disse com quem falaria. – *“Sinto-me... não sei, não gosto muito de ir falar nessas coisas.”*

Tabela 7 - Cotação das respostas relativas à 3ª subcategoria Relação Pai Fazer nos 12 anos.

Sub-categorias		Unidades de registos	F	%
O que fazem	Passear	<i>“Vamos passear.” (suj.1; 3;6; 8; 9; 12; 13)</i>	7	63.64%
	Brincar/ Jogar	<i>“Jogamos.” (suj.4; 5; 6; 12; 14)</i>	5	45.45%
	Estudar	<i>“Ajuda-me nos trabalhos.” (suj.3)</i>	1	9.09%
	Ver Filmes/ TV	<i>“Vamos alugar um filme e vemos.” (suj.11)</i>	1	9.09%
	Estar	<i>“Almoçamos juntos.” (suj.5)</i>	1	9.09%
Não Fazem		<i>“Não, ele não gosta muito de brincar.” (suj.2)</i> <i>“Eu e o meu pai sozinhos não costumamos fazer muitas coisas.” (suj.7)</i> <i>“Não.” (suj.10)</i>	3	21.43%

Tabela 8 - Cotação das respostas relativas à 3ª subcategoria Relação Pai Fazer nos 13 anos.

Sub-categorias		Unidades de registos	F	%
O que fazem	Passar	“Vamos passear...” (suj.1; 3; 5; 8; 9; 14)	6	42.86%
	Brincar/ Jogar	“Jogar no computador.” (suj.6; 5; 10, 11; 12; 13; 14) “Brincamos.” (suj.7; 10)	9	64.29%
	Assuntos Escola	“...estudar...” (suj.2; 7; 11; 13)	4	28.57%
	Ver Filmes/ TV	“Ver filmes.” (suj.3) “Vemos Tv.” (suj.4)	2	14.29%
	Estar	“Conversamos.” (suj.4) “Lanchamos juntos.” (suj.3) “Ir ao quarto dele coçar as costas.” (suj.9)	3	21.43%
Não Fazem			0	0%

Tabela 9 - Cotação das respostas relativas à 4ª subcategoria Relação Pai Exige nos 12 anos.

Sub-categorias		Unidades de registos	F	%
O que o Pai Exige	Assuntos escola	“São as notas, ser boa aluna.” (suj.1; 3; 4; 6; 8; 9; 10; 12; 13; 14)	10	71.43%
	Passatempos	“Não esteja tanto tempo em frente à televisão e ao computador.” (suj.1; 12)	2	14.29%
	Bom comportamento/ Valores morais	“O respeito e a educação.” (suj.2; 7; 11) “Para me portar melhor...para me dar bem com os meus amigos.” (suj.4)	4	28.57%
	Maior segurança	“Para confiar mais em mim.” (suj.5)	1	7.14%
	Cuidado	“Se por acaso namorar, tenha cuidado.” (suj.8)	1	7.14%
	Tarefas domésticas	“Arrumar o quarto.” (suj.10; 11)	2	14.29%
O que a Filha Sente (*)	Sente-se bem/ Concorda	“Sinto-me bem...” (suj.2) “Concordo com ele...” (suj.3; 4; 5; 7; 8; 9)	7	50%
	Sente-se mais ou menos/ Não concorda com algumas coisas	“Acho que devia ver Tv não é?!” (suj.1) “Sinto-me mais ou menos...” (suj.6; 10; 11; 12; 13; 14)	7	50%
	Sente-se mal/ Discorda totalmente		0	0%

(*) O que a filha sente face às exigências do pai

Tabela 10 - Cotação das respostas relativas à 4ª subcategoria Relação Pai Exige nos 13 anos.

Sub-categorias		Unidades de registos	F	%
O que o Pai Exige	Assuntos escola	“Sempre a dizer para eu estudar.” (suj.1; 2; 3; 4; 5; 6; 7; 8; 9; 10; 11; 12; 14)	13	92.86%
	Passatempos		0	0%
	Bom comportamento/ Valores morais	“Que me porte bem em geral.” (suj.5) “...não faltar ao respeito a ninguém.” (suj.7)	2	14.29%
	Maior segurança		0	0%
	Cuidado	“ Não falar muito com estranhos..” (suj.10) “...não meter nas drogas...” (suj.11) “Não sair de casa com os amigos que ele não conhece.” (suj.13)	3	21.43%
	Tarefas domésticas	“Ajude em casa.” (suj.14)	1	7.14%
O que a filha sente (*)	Sente-se bem/ Concorda	“Acho que tem razão.” (suj.2; 5) “Sinto-me bem...” (suj.6; 7; 11)	5	35.71%
	Sente-se mais ou menos/ Não concorda com algumas coisas	“Às vezes fico um bocadinho chateada...” (suj.3; 4; 9) “Não me apetece mas tem de ser.” (suj.14)	4	28.57%
	Sente-se mal/ Discorda totalmente	“Muito pressionada...” (suj.1; 8; 12) “Já não ligo...” (suj.10)	4	28.57%

(*) O que a filha sente face às exigências do pai.

Exceção: -“Acho que tem razão, mas acabo por fazer na mesma.” (suj.13)

Tabela 11 - Cotação das respostas relativas à 5ª subcategoria Relação Pai Discordância nos 12 anos.

Sub-categorias		Unidades de registos	F	%
Há discordância	Saídas/ Amigos	<i>“Diz que os meus amigos não são boa influência para mim.” (suj.1, 13)</i> <i>“Querida ir aos anos de uma amiga e ele disse que não.” (suj.9)</i>	3	33.33 %
	Escola	<i>“...assuntos da escola.” (suj.7; 10; 14)</i>	3	33.33 %
	Discussões Familiares	<i>“Quando se chateia com a minha mãe, não concordo muito.” (suj.6)</i>	1	11.11 %
	Notícias/ Política	<i>“ Quando vemos noticias...” (suj.1)</i> <i>“Discordo dele em relação à política.” (suj.5)</i>	2	22.22 %
	Conflito de gerações		0	0%
	Tarefas domésticas		0	0%
	Dinheiro		0	0%
	Assuntos não especificados	<i>“Aquelas perguntas que fazem, diz que sim e eu digo que não.” (suj.2)</i>	1	11.11 %
Não há discordância		<i>“Concordo com ele.” (suj.3; 4; 8; 11; 12)</i>	5	35.71 %
Tipo de resolução (do conflito)	Confrontação	<i>“Obedeço mas vou irritada.” (suj.10)</i> <i>“ Deixo de falar com ele, deixo de lhe ligar.” (suj.5)</i> <i>“Pode não concordar, mas insisto no assunto.” (suj.6; 7; 13; 1)</i>	6	66.66 %
	Evitamento de confrontos	<i>“ Eu resolvo para pararmos e desculparmos um ao outro.” (suj.2)</i> <i>“Digo que é melhor parar.” (suj.14)</i>	2	22.22 %

Exceção: *“...peço à minha mãe.” (suj.9)*

Tabela 12 - Cotação das respostas relativas à 5ª subcategoria Relação Pai Discordância nos 13 anos.

Sub-categorias		Unidades de registos	F	%
Há discordância	Saídas/ Amigos	“Ele acha que as saídas à noite iam influenciar nos estudos.” (suj.1) “Quando decide tirar-me o computador” (suj.5)	2	18.18%
	Escola	“ À base da escola.” (suj.8; 10; 11)	3	27.27%
	Discussões Familiares	“ É mais nisso da minha irmã que nos costumamos desentender.” (suj.7)	1	9.09%
	Notícias/ Política	“ Dia da mulher...” (suj.13)	1	9.09%
	Conflito de gerações	“Coisas que agora fazem e antigamente não faziam.” (suj.2) “ Na maneira de me vestir.” (suj.12)	2	18.18%
	Tarefas domésticas	“Ele não costuma ajudar muito nas tarefas.” (suj.6)	1	9.09%
	Dinheiro	“Quando é para dar dinheiro...” (suj.3)	1	9.09%
	Assuntos não especificados		0	0%
Não há discordância		“Concordo com tudo.” (suj.4; 9; 14)	3	21.43%
Tipo de resolução (do conflito)	Confrontação	“Eu costumo dizer a minha opinião e ele diz a dele...” (suj.7) “Tento explicar porque é que eu penso assim.” (suj.2; 12)	3	27.27%
	Evitamento de confronto	“Finjo que concordo.” (suj.1; 8) “...vou embora..” (suj.5; 6; 11) “Paro eu a conversa.” (suj.10; 13) “Acabo por lhe dar razão..” (suj.3)	8	72.72%

3ª Categoria – Imagem do Pai

Tabela 13 - Cotação das respostas relativas à categoria Imagem do Pai nos 12 anos.

Sub-categorias		Unidades de registos	F	%
Imagem Positiva do Pai	Fazer o Desejado	<i>“Ajuda-me...” (suj.1; 10)</i> <i>“É divertido...” (suj. 2; 4; 5)</i> <i>“As coisas que me diz e faz.” (suj.8)</i> <i>“...pedi-lhe uma coisa e ele deu-ma.” (suj.9)</i>	7	50%
	Ser o Desejado	<i>“Gosto como ele é...” (suj.8; 3; 7; 11; 12; 13; 14)</i>	7	50%
	Estar disponível	<i>“Leva-me a fazer coisas diferentes, está comigo, ensina-me coisas.” (suj.6)</i> <i>“De me dar atenção.” (suj.7)</i>	2	14.29%
Imagem Negativa do Pai (*)	Fazer o não Desejado	<i>“Quando ele me ralha..” (suj.4; 5; 10; 12)</i> <i>“Irrita-se muito.” (suj.2, 6; 13; 14)</i> <i>“Quando lhe peço uma coisa e ele diz que não pode.” (suj.9)</i> <i>“Às vezes é um bocadinho...tem a mania que manda.” (suj.11)</i> <i>“Quando pergunta se tenho namorado.” (suj. 8)</i>	11	84.64%
	Não ser o Desejado	<i>“É um bocadinho chato.” (suj.1)</i> <i>“O feitio, é um pouco orgulhoso.” (suj.7)</i>	2	15.38%
	Não estar Disponível		0	0%
Ausência de Imagem Negativa		<i>“...normalmente gosto de tudo.” (suj.3)</i>	1	7.14%

Tabela 14 - Cotação das respostas relativas à categoria Imagem do Pai nos 13 anos.

Sub-categorias		Unidades de registos	F	%
Imagem Positiva do Pai	Fazer o Desejado	“...como ajuda a resolver os problemas...” (suj.2; 3; 12; 11) “Ser brincalhão...” (suj.1; 4; 6; 8; 10; 13; 14) “Faz-me as vontades todas.” (suj. 5)	11	78.57%
	Ser o Desejado	“Simpático.” (suj.5; 8; 11) “Praticamente tudo.” (suj.7; 9)	5	35.71%
	Estar disponível	“Os momentos que passo com ele.” (suj.13) “Costuma falar comigo.” (suj.5)	2	14.29%
Imagem Negativa do Pai	Fazer o não Desejado	“Quando ele me dá um sermão.” (suj.3; 4; 5; 9; 10; 13; 14) “As crises de mau humor.” (suj.2)	8	57.14%
	Não ser o Desejado	“Ser conservador...” (suj.1) “É muito exigente, é teimoso.” (suj.8; 6) “Quando está a discutir com a minha mãe e é assim independente. (suj.11) “Não compreende muitas coisas.” (suj.12)	5	35.71%
	Não estar Disponível	“Dá mais atenção à minha irmã...” (suj.7)	1	7.14%
Ausência de Imagem Negativa			0	0%

4ª Categoria – Mudança Relacional

Tabela 15 - Cotação das respostas relativas às sub categorias da Mudança Relacional nos 12 anos.

Sub-categorias		Unidades de registos	F	%
Mudança na relação	Houve	“Sim.” (suj.1; 2; 3; 4; 6; 8; 10; 14)	8	57.14%
	Não Houve	“Não.” (suj.5; 7; 9; 11; 12; 13)	6	42.86%
O que mudou/ Como era antes	Proximidade	“...agora já falamos mais um com o outro.” (suj.1)	1	12.50%
	Afastamento	“Brincávamos mais quando era pequenina..” (suj.2; 3, 4; 6; 8; 14) “ Só sou um bocadinho mais envergonhada com o meu pai.” (suj.10)	7	87.5%
Quem mudou	Pai	(suj.1; 2; 6; 8)	4	50%
	Filha	(suj.3; 4; 10; 14)	4	50%
Porque mudou	Por causa do pai	“...agora já não tem aquela coisa para ficar com a filha.” (suj.2) (suj.6)	2	25%
	Por causa da filha	“Porque cresci...à tarde costumo ir para ao pé dos meus amigos.” (suj.3; 8; 10; 14)	4	50%
	Por ambos		0	0%
	Por circunstância exteriores	“Foi por ter ido para o 5ºano, o meu pai preocupou-se mais com os estudos.” (suj.1) “Tem mais trabalho...” (suj.4)	2	25%

Tabela 16 - Cotação das respostas relativas às sub categoria Desejo de Mudança Relacional nos 12 anos.

Sub-categorias		Unidades de registos	F	%
Desejo de mudança na relação	Deseja a mudança de relação	“Sim.” (suj.1; 2; 4; 6; 11; 13; 14)	7	50%
	Não Deseja a mudança de relação	“Não.” (suj.3; 5; 7; 8; 9; 10; 12)	7	50%
O que desejam	Pai Diferente	“Que fosse um bocadinho mais liberal.” (suj.11) “Que exija menos sobre os estudos.” (suj.14)	2	28.57%
	Pai que faça o desejado	“Que não dissesse aquilo dos meus amigos.” (suj.1) “Que ainda brincasse comigo.” (suj.2) “Que me desse mais atenção.” (suj.4)	3	42.86%
	Pai Disponível	“Que estivesse mais tempo...” (suj.3;6)	2	28.57%

Tabela 17 - Cotação das respostas relativas à categoria Mudança Relacional nos 13 anos.

Sub-categorias		Unidades de registos	F	%
Mudança na relação	Houve	“Sim.” (suj. 2; 3; 4; 5; 6; 8; 9; 10; 11; 12; 13; 14)	12	85.71%
	Não Houve	“Não.” (suj.1; 7)	2	14.29%
O que mudou/ Como era antes	Proximidade	“Antes tinha mais medo porque era pequena, agora já o vejo mais como amigo.” (suj.2) “Ele confia mais em mim...” (suj.9; 13) “Antes não brincava e agora sim.” (suj.14)	4	33.33%
	Afastamento	“Quando era pequenina eu falava de tudo..já não falo assim tão abertamente.” (suj.3; 5; 6; 10; 11; 12) “...dantes não era assim, é muito mais exigente comigo.” (suj.4; 8)	8	66.67%
Quem mudou	Pai	(suj.4; 8; 9; 12; 11; 14)	6	50%
	Filha	(suj.2; 3; 5; 6; 10; 13)	6	50%
Porque mudou	Por causa do pai	“Porque agora já se preocupa mais comigo e antes não se preocupava tanto.” (suj.14)	1	8.33%
	Por causa da filha	“Acho que é por causa da idade, conforme vamos crescendo a mentalidade muda.” (suj.2; 4; 5; 6; 10; 12; 13; 8)	8	66.67%
	Por Ambos	“Se calhar porque estamos mais velhos, <u>ele</u> quer também estar assim a par e de nos manter a par.” (suj.11); (suj.9)	2	16.67%
	Por circunstância exteriores	“Talvez pela idade e o tempo que eu passo mais com ele, posso falar mais abertamente.” (suj.3)	1	8.33%

Tabela 18 - Cotação das respostas relativas à categoria Desejo de Mudança Relacional nos 13 anos.

Sub-categorias		Unidades de registos	F	%
Desejo de mudança na relação	Deseja a mudança de relação	“Sim.” (suj.1; 2; 3; 4; 6; 8; 10; 13; 14)	9	64.29%
	Não Deseja a mudança de relação	“Não.” (suj. 5; 7; 9; 11; 12)	5	35.71%
O que desejam	Pai Diferente	“Que não fosse tão conservador.” (suj.1) “Não devia ser tão exigente.” (suj.8)	2	22.22%
	Pai que faça o desejado	“Que não tivesse essas crises de mau humor.” (suj.2) “Que não se irritasse tanto.” (suj.4)	2	22.22%
	Pai Disponível	“Que passasse mais tempo connosco.” (suj.3; 12; 14) “Gostava que falássemos mais.” (suj.6; 10)	5	55.55%

Subcategorias				Unidades de Registo	F	%
Não Contaram				<i>“Não...” (suj.2; 3; 7; 8; 9; 10; 11; 12; 13; 14)</i>	10	71.43%
Tipo de Acontecimento	Episódios	Positivos	Presença do pai	<i>“...recital de piano...” (suj.1)</i>	1	25%
		Dramáticos	Segurança/ Protecção		0	0%
			Pai que reprime		0	0%
			Angústia de perda		0	0%
	Memórias	Agradáveis		<i>“Serra da Estrela...” (suj.6)</i>	1	25%
		Desagradáveis			0	0%
	Clima Relacional				0	0%
Tempo do Acontecimento	Passado				0	0%
	Actual				0	0%
	Indeterminado	<i>(suj.1; 6)</i>			2	50%

Subcategorias			Unidades de Registo	F	%	
Não Contaram			“Não...” (suj.1; 5; 6)	3	21.43%	
Tipo de acontecimento	Episódios	Positivos	Presença do pai		0	0%
		Dramáticos	Segurança/ Protecção	(suj.1), (suj.12,) (suj. 13)	3	27.27%
			Pai que reprime	(suj.8)	1	9.09%
			Angústia de perda	(suj.10)	1	9.09%
	Memórias	Agradáveis		(suj.9), (suj.14)	2	18.18%
		Desagradáveis		(suj.2)	1	9.09%
	Clima Relacional			(suj.4), (suj.7)	2	18.18%
Tempo do acontecimento	Passado		(suj.2; 8; 12; 14)	4	36.36%	
	Actual		(suj.4; 7; 9)	3	27.27%	
	Indeterminado		(suj.3; 13)	2	18.18%	

Subcategorias		Unidades de Registo		F	%
Não Contaram		"Não..." (suj.8; 10; 13)		3	21.43%
Tipo de História	Positiva	Presença do pai	(suj.9)	1	9.09%
		Pai Amigo	(suj.7; 11; 12)	3	27.27%
	Dramática	Pai Intrusivo	(suj.1)	1	9.09%
		Pai Herói	(suj.5)	1	9.09%
		Angústia de perda		0	0%
	Memórias	Agradáveis	(suj.2,3,14)	3	27.27%
		Ambíguas	(suj.6)	1	9.09%
	Clima Relacional			0	0%
Tempo da História	Passado		(suj.2,3,5,11)	4	36.36%
	Actual		(suj.7,9)	2	18.18%
	Indeterminado		(suj.1,4,6)	3	27.27%

Subcategorias		Unidades de Registo	F	%	
Não Contaram		“Não...” (suj.1; 5)	2	14.29%	
Tipo de História	Positiva	Presença do pai	0	0%	
		Pai Amigo	(suj.8; 12; 14)	3	25.0%
	Dramática	Pai Intrusivo		0	0%
		Pai Herói	(suj.11)	1	8.33%
		Angústia de perda	(suj.2; 10)	2	16.67%
	Memórias	Agradáveis	(suj.7; 9)	2	16.67%
		Ambíguas		0	0%
	Clima Relacional		(suj.4)	1	8.33%
Tempo da História	Passado	(suj.8)	1	8.33%	
	Actual	(suj.3; 4; 6; 11; 12)	5	41.67%	
	Indeterminado	(suj.2; 7; 9; 10; 13; 14)	6	50%	